

O PENSAMENTO MARXISTA EM LUKÁCS: NOTAS INTRODUTÓRIAS
PENSAMIENTO MARXISTA EN LUKÁCS: NOTAS INTRODUCTORIAS

Antonio Olavo Holanda Abreu¹

Helena de Araújo Freres²

RESUMO

O artigo trata do caminho pelo qual Lukács percorreu até chegar ao marxismo como ferramenta teórica de combate a todas as formas de irracionalismo. Para tanto, o artigo está organizado em três momentos: no primeiro, realizou-se uma biografia resumida da vida de Lukács; no segundo, abordou-se mais sistematicamente os traços decisivos para a evolução do pensamento de Lukács; no terceiro, por fim, o salto qualitativamente novo na trajetória de Lukács quando do encontro com a ontologia marxiana. Para atender a esse objetivo, a pesquisa está baseada em estudos dos seguintes autores: Mészáros (2014), Tertulian (2008), Oldrini (2017), Paulo Netto (1983), Lessa (2016) e Lima (2014), dentre outros, além de textos escritos pelo próprio Lukács (2017, 2009).

Palavras-chave: Lukács. Marx. Ontologia de um novo tipo.

RESUMEN

La investigación aborda el camino recorrido por Lukács para llegar al marxismo como herramienta teórica para combatir todas las formas de irracionalismo. Para ese propósito, la investigación se organiza en tres etapas: primero, se realizó una biografía resumida de la vida de Lukács; segundo, se abordó de manera más sistemática los rasgos decisivos para la evolución del pensamiento de Lukács; tercero, el salto cualitativamente nuevo en la trayectoria de Lukács cuando este filósofo se encontró con la ontología marxista. La investigación se basará en estudios de los siguientes autores: Mészáros (2014), Tertulian (2008), Oldrini (2017), Paulo Netto (1983), Lessa (2016) y Lima (2014), entre otros, además de textos escritos por el propio Lukács (2017, 2009).

Palabras clave: Lukács. Marx. Ontología materialista.

¹ Aluno do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Crateús, da Universidade Estadual do Ceará (FAEC/UECE). E-mail: olavo.abreu@aluno.uece.br

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação de Crateús, da Universidade Estadual do Ceará (FAEC/UECE). E-mail: helena.freres@uece.br

Introdução

“Não basta, para que sejam chamadas de humanistas, que estudem apaixonadamente o homem, a verdadeira essência da sua substância humana; é preciso também, ao mesmo tempo, que elas defendam a integridade do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram”³.

(LUKÁCS, 2010)

Toda a trajetória lukacsiana foi marcada por seu compromisso com a humanidade, compromisso que se alargou exponencialmente quando de sua aproximação com o pensamento marxiano. Seu encontro com a obra de Marx levou-o a um patamar superior de seu próprio pensamento cujo caminho foi permeado de continuidade na descontinuidade, como veremos adiante. Não é à toa que Lukács é considerado por estudiosos de sua obra, a exemplo de Oldrini (2017), como o maior pensador do século XX. E como um pensador marxista deveras ocupado com a humanidade e com o comunismo, Lukács foi rechaçado em vida e também após sua morte, repulsa que prossegue até os dias atuais.

Essa ojeriza produzida contra Lukács não adveio apenas dos defensores do mundo burguês. Adveio inclusive daqueles que encetaram uma posição em favor de um novo projeto de sociedade, mas que se perderam ao longo do caminho por razões teórico-práticas as mais diversas. Estes, perdidos, também proferiram contra Lukács os mais diferentes ataques, impondo-lhe até mesmo o ostracismo em seu próprio país, antes e depois de sua morte. Tais ataques, independente do lugar de onde partiram, servem muito bem ao projeto burguês de sociedade.

Com a pretensão de varrê-lo da história, ontem e hoje, os ataques a Lukács se intensificaram na Hungria a partir de 2010, em que se tornou proibida qualquer menção a seu nome, com o intuito de “limpar” dos espaços públicos o que teria restado do comunismo, identificado com stalinismo. Nesse sentido, sua estátua, que fora esculpida em 1985 pelo artista plástico húngaro Imre Varga, localizada no Parque Szent István, foi removida como expressão do florescimento de políticas anticomunistas e antisemitas, espraiando-se inclusive em ataques a refugiados de várias nacionalidades, como a que ocorreu em 2018, utilizando-se até da fome como política anti-imigração⁴. Em

³ Cf., LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos de Marx e Engels. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcante Yoshida.

⁴ *Deutsche Welle*, jornal alemão que produz jornalismo independente. Matéria publicada em 23 de agosto de 2018. Acesso em 13 de abril de 2021.

decorrência do agravamento das políticas ultraconservadoras, a Academia de Ciências da Hungria, que era a responsável pela manutenção do Arquivo Lukács, decidiu, em 2016, pelo encerramento das atividades desse importante Arquivo (LAAN, 2021).

De nossa parte, este artigo pretende colocar-se em defesa de Lukács e de sua obra, visto que seu pensamento ancora-se na recuperação do caráter revolucionário da obra de Marx e contra todas as formas de irracionalismo.

Georg Lukács nasceu em 13 de abril de 1885, em Budapeste. Foi o segundo filho de três irmãos. Seus pais eram Adél Wertheimen e Jozséf Lukács, diretor do principal banco financeiro húngaro, o *Budapest Kreditanstalt*. Devido à sua posição social, moravam em Lipótváros, bairro nobre de Budapeste.

Lukács (2017) destaca que ele e seus irmãos receberam educação inicial em casa. János Henrik Löwinger, irmão de Lukács, recebia “aulas particulares de alfabetização”. Lukács sentava-se à mesa, de frente para seu irmão, e também aprendeu a ler, “só que com o livro de ponta cabeça”. Foi somente um ano depois que Lukács aprendeu a ler normalmente. Outro aspecto que merece destaque é o fato de a irmã de Lukács, Mária Lukács, receber aulas de violoncelo com o famoso compositor húngaro Belá Bartók (PAULO NETTO, 1983).

Mas a relação com seus pais, em especial com sua mãe, era descrita por Lukács como numa espécie de “guerra de guerrilhas”. De acordo com o próprio filósofo, sua mãe era severa com ele e com os irmãos. Um dos castigos que ela impunha contra eles era trancá-los em um depósito de lenha que havia na casa e só eram liberados do castigo quando pedissem desculpas. Segundo Lukács (2017, p.43), seus irmãos “pediam desculpas imediatamente, ao passo que ele agia de modo diferente”. Assim, se sua mãe lhe trancasse às dez da manhã, ele pediria desculpas às dez e cinco. Porém, se ele fosse trancado após às 13:00, ele não pediria desculpas, pois sabia que sua mãe lhe tiraria do castigo antes da chegada de seu pai. Quanto ao ambiente burguês, o filósofo afirma que com esse ambiente ele não se identificava. Portanto, havia uma recusa latente desse ambiente em relação ao qual aprendeu a estabelecer uma espécie de protocolos “[...] contra um protocolo”.

Pinassi e Lessa (2002) esclarecem que ao invés de dedicar-se aos negócios, Lukács passou a concentrar-se ao estudo das artes e da literatura, revelando um talento notável para a crítica. Fascinado por Tolstoi e Ibsen, Lukács passou a comprar as edições de bolso das obras desses dois autores, entre outros. Aos quinze anos, o filósofo húngaro já tinha assumido “um ponto de vista extremamente ocidental e moderno para a época”.

Seu pai tinha em sua biblioteca o livro *Degeneração*, de Max Nordau, o qual causou grande impressão ao filósofo de Budapeste e o fez compreender a “decadência extrema que havia em Ibsen, Tolstoi, Baudelaire, Swinburne e outros” (LUKÁCS, 2017, p.46). Mas, de acordo com Pinassi e Lessa (2002), foi no ano de 1902 que Lukács inaugurou uma vasta publicação de trabalhos em periódicos progressistas, tais como:

Século XX (1906), Ocidente (Nyugat,1908), Espírito (Szelem, 1911, fundador), Virada a Esquerda (Die Linksurve,1931-33), órgão teórico da Federação de Escritores Proletários Revolucionários do PC alemão, Literatura Internacional (Internationale Literatur, 1933-34), A palavra (Das Wort, 1933), órgão de imigração alemã, A Nova Voz (Uj Hang, 1933-34), órgão de imigração húngara, Crítica Literária (Literatourny Kritik 1933-34), Forum (1946, fundador), Tomada de Consciência (Eszmélet, 1956, fundador com Tibor Déry, Gyula Illés e István Mészáros) (PINASSI; LESSA, 2002, p. 185).

Ainda de acordo com os estudiosos acima mencionados, Lukács, ao longo dos anos, foi estabelecendo uma efetiva formação, fruto de uma estreita ligação com ambientes “dos mais estimulantes e profícuos” os quais eram frequentados por nomes como “Béla Fogarasi, Béla Bartók, Béla Balázs, Eugene Varga, Max Weber, Ernst Bloch, Simmel, Lask, Tönnies, Mannheim, Hauser” (PINASSI; LESSA, 2002, p. 186). Segundo Lima (2014), o contato com a literatura alemã despertou em Lukács o desejo pela sociologia e pela filosofia neokantiana.

Entretanto, em outubro de 1917, os revolucionários bolcheviques derrubaram o governo czarista e tomaram o poder na Rússia. Tal feito fez com que Lukács se politizasse rapidamente. Sob a influência de Szabó, passou a estudar Pannekoek e Rosa Luxemburgo (PAULO NETTO, 1983).

De acordo com esse autor, com a vitória dos bolcheviques e com a intensa movimentação das massas na Hungria, a questão sobre o comunismo passa a ocupar um lugar central no debate do país. Liderado por Béla Kun, fundou-se, em 24 de novembro de 1918, o Partido Comunista Húngaro. Filiando-se a esse partido, Lukács pôs em marcha o início de “[...] sua trajetória política inscrita na prática e na teoria revolucionária que haveria de desenvolver” (PINASSI; LESSA, 2002, p. 186). De acordo com Paulo Netto (1983), essa mudança representou a mais significativa ruptura, pois determinou o contorno da obra de maturidade lukacsiana: “foi o salto qualitativo que o conduziu para as trincheiras do movimento operário revolucionário e lhe permitiu elaborar uma concepção dialética da história da sociedade e da cultura” (1983, p. 27-28).

Ao observarmos o desenvolvimento de seu pensamento, podemos identificar que essa trajetória foi constituída por várias etapas, sob diferentes influências. Por esse motivo, inúmeras vezes, seus críticos argumentaram não haver uma unidade de continuidade e descontinuidade em seu desenvolvimento intelectual. Portanto, colocam a descontinuidade como epicentro da constituição intelectual do filósofo húngaro. A respeito disso, Lima (2014, p. 30) argumenta que

A vasta produção lukacsiana, a variedade de influências nela convergentes, as reviravoltas e a complexa e aparentemente tênue linha de continuidade de sua evolução abriram campo fértil para as mais diferenciadas interpretações, conclusões e especulações. (LIMA, 2014, p. 30)

Contudo, essa heterogeneidade não é estranha nem mesmo para o filósofo húngaro, podendo ser observada em uma carta escrita por ele e enviada a um amigo soviético em fevereiro de 1969. Nessa carta, Lukács (1969 *apud* TERTULIAN, 2008) argumenta:

Tudo o que você escreve é muito interessante e mostra o quanto são complicadas as frentes ideológicas hoje. Isso é válido tanto aqui quanto no Ocidente. ***Eu mesmo sou olhado aqui, frequentemente, como um revisionista, enquanto, no outro lado, tentam transformar-me em stalinista.*** Enquanto o problema da própria natureza do marxismo não for esclarecido do ponto de vista teórico, essa situação não pode mudar. É preciso estabelecer, antes de tudo, que Lenin era realmente o continuador de Marx, enquanto Stalin representa essencialmente uma alienação do marxismo. (LUKÁCS, 1969 *apud* TERTULIAN, 2008, p. 289; *grifos* nossos).

Revisionista e stalinista, contudo, não são os únicos rótulos sob os quais o filósofo húngaro foi julgado, pois uma longa lista de adjetivos foi contra ele atribuídos, dentre os quais podemos destacar, segundo Vaisman (2013, p.117), trágico, utópico, romântico. A esses adjetivos, Lima (2014, p.31), em sua Tese de Doutorado, adiciona os seguintes: pessimista, rebelde, messiânico, idealista, oportunista, esquerdista etc.

Acrescenta-se a esse julgamento o fato de que Lukács foi alvo de inúmeras perseguições. De acordo com Mészáros (2009), a evolução intelectual do filósofo húngaro fez com que ele chegasse a sofrer inúmeros boicotes.

Lukács (2017) demonstra que, no devir de sua própria trajetória intelectual, pairaram também os holofotes da fama, tendo como destaque sua primeira grande obra

*História da evolução do drama moderno*⁵ (LIMA, 2013, p. 31). Esta autora acrescenta que foi somente ao final da vida do filósofo aqui estudado que seu brilhantismo se tornou reconhecido como autêntico e verdadeiro, chegando a ser respeitado, até mesmo, pelas autoridades de seu país. Acerca dessa questão, Oldrini destaca que esse formidável pensador foi considerado “[...] o mais significativo pensador marxista do século XX, após Lenin” (OLDRINI, 2017, p. 17). A respeito dessa afirmação, existem divergências. Todavia, existe uma característica consensual relacionada ao seu pensamento: “sua fidelidade a Marx” (PAULO NETTO, 1981 *apud* LIMA, 2014, p. 31).

No que tange à evolução de seu pensamento e de sua produção bibliográfica, “existe um caráter essencial da dialética entre continuidade e descontinuidade” (LIMA, 2014, p.32). Lima (2014), ancorada na obra dos estudiosos de Lukács, a exemplo de Oldrini, Paulo Netto e Tertulian, corrobora a tese de que existe uma unidade no pensamento de Lukács, mesmo havendo rupturas qualitativas. Essas rupturas, por mais radicais que sejam, não cancelam a concepção de unidade de seu itinerário intelectual e de sua formação, ou seja, conservar a continuidade, mesmo em um processo de descontinuidade. A essa continuidade na descontinuidade do pensamento desse filósofo húngaro, Mészáros (2002, p.359 *apud* LIMA, *op. cit.*, p.32) afirma que

[...] um intelectual substantivo não pode simplesmente esvaziar a si próprio a cada mudança dos ventos da moda e da acomodação cultural/política. O verdadeiro crescimento intelectual não pode ser outro senão aquele processo orgânico que supera conservando e aprofundando, não obstante as mudanças qualitativas que podem e devem acompanhar a redefinição das suas relações com a dinâmica turbulenta da história.

Portanto, é notório assinalar que existe uma linha de continuidade no pensamento lukacsiano que vai desde suas obras de juventude até o momento em que pôde “abraçar” o pensamento de Marx. O próprio Lukács defendeu em vários momentos essa coerência, momentos que podem ser identificados em seus prefácios críticos e suas autobiografias (PAULO NETTO, 1983). No prefácio à edição húngara de *Arte e sociedade*, ele argumenta que

O leitor atento e imparcial desta antologia certamente notará que, já em meus primeiros ensaios, que remontam a meio século, estão postos num certo sentido

⁵ Sobre essa obra, Lukács (2017, p. 52) afirma o seguinte: “eu achava que toda aquela gente não era competente para julgar o assunto. Por conseguinte, a atribuição do prêmio a mim significava, automaticamente, que devia haver algo ruim no meu livro. Procurava o que havia de ruim, sem, no entanto, conseguir descobrir, e aqui meu amigo Leo Popper me ajudou [...] disse-me o que era bom nele”.

– mesmo que com base em um fundamento teórico equivocado e deficiente – estes mesmos problemas. [...] Neste sentido, *a despeito de todas as mudanças e de todas as inflexões, meu desenvolvimento apresenta também uma linha unitária, uma continuidade* (LUKÁCS, 2009, p. 36; *grifos* nossos).

Como podemos observar na passagem acima, o autor expõe que até mesmo o andamento descontínuo conserva-lhe a “constância”, corroborando a ideia de que a continuidade é característica intrínseca ao desenvolvimento de seu pensamento. Portanto, há no pensamento lukacsiano uma “ruptura decisiva”, conservando a processualidade dialética de continuidade e descontinuidade. Assim, deve-se compreender essa “ruptura” como um momento predominante dessa processualidade e não uma conversão total, pois esta última “é privilégio de uma segunda infância intelectual que deve suceder a uma amnésia completa” (MÉSZÁROS, 2013, p. 34).

Seguindo o raciocínio de Lima (2014), é válido acrescentar que é impossível que haja originalidade de um pensamento sem que anteriormente tenha acontecido um processo de síntese “como princípio ativo”, mesmo que essa nova síntese não seja nada parecido com a primeira. O pensamento de um filósofo significativo deve conter várias camadas até que possa atingir uma síntese original. Portanto, “o que separa o filósofo importante do eclético inteligente é a relevância histórica da síntese puramente acadêmica do segundo, quando comparada à máxima importância prática do primeiro” (MÉSZÁROS, 2013, p. 35).

De acordo com Mézáros (2013), é por essa razão que é arriscado dividir os filósofos entre *jovens* e *maduros* – no sentido de conversão total, privilegiando o primeiro sobre o segundo ou vice-versa – porque em todo pensador existe uma ideia sintetizadora, mesmo que essa ideia sofra modificação significativa no futuro. Sobre isso, Mézáros (*op. cit.*, p.33) afirma que “[...] até mesmo uma conversão genuína do ‘idealismo’ para o ‘materialismo’ não implica necessariamente uma rejeição ou repressão radical da ideia sintetizadora original”. Fundamentados em Oldrini (2017), podemos observar que Lukács é um exemplo disso no século XX. Analisando suas obras “pós-idealistas”, o filósofo italiano identifica um núcleo estrutural no pensamento de Lukács, mesmo que ele tenha deixado de lado os posicionamentos idealistas presentes em seus escritos iniciais.

Mézáros (2013) afirma que, sobre os escritos de juventude desse pensador marxista, é necessário destacar, apenas sumariamente, que o contexto histórico e cultural da Hungria jogou significativo papel em seu desenvolvimento, como também, sob inúmeras formas, em suas formulações posteriores. As obras iniciais de Lukács sofreram

uma maior influência da cultura alemã, pois no período de formação do seu itinerário intelectual, a burguesia judaica, classe na qual Lukács nasceu, passava por uma complexa situação à sua época. Mészáros (2013) nos chama a atenção para o fato de que

[...] por um lado, por meio de um poder econômico cada vez maior, ela – a burguesia – se emancipava rapidamente, em termos de posição social, de uma subordinação à chamada “classe histórica”; por outro, conseguiu impor sua independência com relação às classes dominantes austríacas. Ao mesmo tempo, no entanto, viu-se desafiada por uma nova ordem social: o desafio do movimento operário organizado. (MÉSZÁROS, 2013, p. 34).

Essa situação fez com que Lukács buscasse em outros cantos seu itinerário filosófico, sofrendo forte influência de alguns pensadores alemães, a exemplo de

Georg Simmel, Wilhelmm Dilthey, Emil Lask, Ervin Szabó, Georges Sorel, Heinrich Rickert (e outros representantes neokantistas da Escola de Friburgo), Max Weber, Hegel, Marx, Rosa Luxemburgo e Lenin. A própria lista mostra que a maior parte é constituída pela cultura alemã, sobretudo nos anos de formação intelectual de Lukács (MÉSZÁROS, 2013, p. 35).

De acordo com Mészáros (2013), por mais que esses pensadores tenham jogado um papel significativo no pensamento de Lukács, isso não retirou deste último o caráter de pensador seminal fazendo com que ele realizasse a crítica, no sentido de ir à raiz do problema, das contradições do pensamento e da literatura alemã.

Portanto, de acordo com Lima (2014), o motivo de Lukács ir buscar *em outros cantos* o seu itinerário filosófico se deu por quatro aspectos mais significativos. São eles: (i) o desenvolvimento de um capitalismo tardio na Hungria; (ii) a dependência em relação às amarras feudais e às burocracias estatais; (iii) as conturbações da emancipação judaica; (iv) a nascente resistência das minorias operárias sob o estado húngaro.

Sobre a base desse referencial filosófico, as obras juvenis do filósofo assumiram, de acordo com o próprio Lukács (2009), um caráter idealista-burguês, pois buscava apenas captar intelectualmente as contradições da sociedade fazendo com que isso resultasse em “construções abstratas artificiais”. Por mais que ele tenha apreendido que o conflito dramático tem como pano de fundo a expressão da luta ideológica da decadência da classe, verifica-se, ainda, uma construção vazia (LUKÁCS, 2009, p. 22).

Porém, como já posto aqui à luz dos estudiosos deste filósofo húngaro, foi nos anos iniciais de sua produção intelectual que se verifica uma recusa ao mundo burguês, recusa que durou toda a sua vida, como podemos notar na entrevista concedida a István Eórsi e Erzsébet Vezér, publicada sob o nome *Pensamento Vivido – autobiografia em*

diálogo: “[...] vida burguesa: síntese da problemática da infância e juventude: vida plena de sentido é impossível no capitalismo; aspirações: tragédia e tragicomédia [...]” (LUKÁCS, 2017, p. 17).

Como dito acima, essa recusa já se encontrava latente no filósofo húngaro desde a mais tenra idade. Aos nove anos, ao realizar a leitura de *Ilíada* e *O último dos Moicanos*, Lukács conseguiu aprender “com esses dois livros que o sucesso não é critério e que uma pessoa age corretamente mesmo se não alcança o sucesso” (LUKÁCS, 2017, p. 43). E mais: que o vencedor nem sempre tem razão. Quando aprendera inglês, ele e seus irmãos passaram a ler também

[...] as *Fábulas* de Shakespeare [...]. Lemos também os romances de Mark Twain: *Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn*. Essas leituras me fizeram compreender a existência dos ideais de vida. O que nas minhas primeiras leituras aparecia como experiência negativa mostrou-se aqui de forma positiva, ou seja, o modo como uma pessoa realmente deveria viver. O ideal da minha infância era que uma pessoa deveria viver como Tom Sawyer. Mais tarde, o romance de Auerbach sobre Spinoza também me influenciou, principalmente a oposição de Spinoza à religião e à ética religiosa (LUKÁCS, 2017, p. 43).

Em sua juventude, sendo influenciado por Max Nordau⁶ (1849-1923), Elek Benedek⁷ (1859-1929), atrelado à leitura do periódico *Hét* (Semana), os quais exerceram papel importante no pensamento do filósofo, Lukács, com o acúmulo das leituras anteriores, aos quinze anos, pensara em ser escritor. Na tentativa de “[...] escrever dramas à Ibsen e Hauptmann”, desistiu dessa tarefa, pois seus escritos, segundo o próprio filósofo, “eram, com certeza, terrivelmente ruins [...]”. Aqui, o critério de autocrítica já pode ser identificado, por isso, aos dezoito anos, ele os queimou (LUKÁCS, 2017, p. 47).

Em momento posterior, de acordo com o próprio Lukács, foi fortemente influenciado por Alfred Kerr (1867-1948), importante e influente crítico de teatro alemão. Todavia, mais tardiamente, já na universidade, o prodígio Lukács conheceu a família Bánóczy. Influenciado por esta família, o “jovem” Lukács despreendeu-se de uma análise meramente mecânica em direção a uma análise científica e séria da teoria e da história, culminando com a fundação do Thalia.

⁶ Max Nordau (1849-1923) “(pseudônimo de Simon Sudfeld), médico, escritor e político. Nasceu em Budapeste, filho do rabino Gabriel B. Asser Südfeld. Alcançou fama mundial em 1883, com o livro *Mentiras Convencionais da Humanidade Civilizada*. Defendeu o sionismo juntamente com Herzl” (LUKÁCS, 2017, p. 231).

⁷ “[...] escritor e dramaturgo húngaro (coletânea de contos de fadas populares)” (LUKÁCS, 2017, p. 218).

A companhia de teatro Thalia, fundada por Lukács aos dezenove anos de idade, é mencionada como um dos primeiros esforços do jovem escritor e tinha como função “levar cultura às classes operárias”, o que foi feito até sua dissolução, cerca de cinco anos depois, por “interferência do assustado governo húngaro”⁸ (LIMA, 2014, p. 43).

Portanto, por mais que esse filósofo mantenha certa proximidade com o ambiente reproduzido ao seu redor, havendo, em determinada medida, uma relação de proximidade e distanciamento, em nada lhe encantava a “*Belle Époque*” (PAULO NETTO, 1983). A respeito da interferência por parte do governo húngaro, Lima (*op. cit.*) demonstra que, por mais que tenha ocorrido um processo de desenvolvimento, isso não eliminava o caráter arcaico da Hungria da época, que vivenciava um desenvolvimento desigual por parte de “setores não atrelados à modernização do país”. Assim, enquanto os contemporâneos de Lukács dedicavam-se a simplificar a tarefa de “atualizar” a sociedade húngara, ele consegue realizar um giro, demonstrando a crise da burguesia e sua cultura em geral (de maneira direta ou não, ele já se mostrava contrário ao caráter reformista) (MÉSZÁROS, 2013). A respeito dessa última questão, Mézáros (2013, p. 36) afirma que Lukács “[...] teve essa percepção não só muito jovem, mas também muito antes dos intelectuais que lhe são contemporâneos, independentemente da idade, com exceção do teórico sindicalista Ervin Szabó e do extraordinário poeta Endre Ady”.

Conforme Mézáros (*op. cit.*), Ady (1877-1919) jogou significativo papel no desenvolvimento intelectual de Lukács, pois ele via uma amálgama que era estranha a sua época, “ou seja, que alguém, hegeliano e representante da ciência do espírito, assumisse ao mesmo tempo uma posição de esquerda e, mesmo dentro de certos limites, revolucionária” (LUKÁCS, 1999, p. 40 *apud* LIMA, 2014, p. 45).

Foi dito acima que se manifestou desde muito cedo em Lukács uma rejeição ao mundo burguês. Acerca dessa questão, Lima (2014) afirma ainda que em Lukács, na sua constituição intelectual, agora sob a “linha Ady”, mas, também, sob influência de alguns nomes das ditas “ciências do espírito”⁹ (Dilthey, Simmel, Weber e Kant), cristalizaram-se aspectos como recusa e desprezo¹⁰ ao capitalismo húngaro e à vida do capitalismo em

⁸ A respeito da fundação da Sociedade Thalia, vale acrescentar que fora fundada por Lukács, Bánóczy, Marcell Benedek e Sándor Hevesi (LUKÁCS, 2017)

⁹ Podemos compreender as ciências do espírito como um conjunto de ciências que estudam o direito, a linguagem, a arte, a religião, a ciência e a filosofia (JAESCHKE, 2006)

¹⁰ A respeito desses aspectos, Tertulian (2008, p.103) infere que “O compromisso capitalista-nobre húngaro, a vida do capitalismo em geral, sobretudo o persuadem da validade do princípio, bem firme em Ady, de não abaixar a cabeça diante da opressão (‘eu não me deixo comandar’)”.

geral. Essa cristalização efetiva-se, porém, com a eclosão da primeira Guerra Mundial, pois a reprodução ideal do objeto real agora é transposta para sua consciência¹¹. Quando essa guerra chegava ao fim, instaurou-se uma revolução que teve – e tem – uma importância muito grande para a humanidade e significou para Lukács modificações fundamentais em seu pensamento: a revolução russa.

Antes de falar sobre o impacto da revolução russa no pensamento de Lukács, é importante destacar que, de acordo com o próprio filósofo (2010), seu primeiro encontro com Marx se deu quando ele concluiu seus estudos secundários, momento em que leu *O Manifesto Comunista*. Mas foi durante os estudos universitários¹² que o filósofo húngaro lera *O 18 brumário de Luís Bonaparte, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de autoria do F. Engels, e o primeiro volume de *O Capital*, textos que lhe causaram profunda impressão. Lukács (2010, p.13) esclarece a esse respeito que

Naquele momento, como é óbvio no caso de um intelectual burguês, essa influência se limitou à economia e, sobretudo, à “sociologia”. Considerava a filosofia materialista – não distinguia o materialismo dialético do não dialético – completamente superada, enquanto teoria do conhecimento. A tese neokantiana da “imanência da consciência” ajustava-se perfeitamente à minha posição de classe na época; não a submetia a qualquer exame crítico, mas a aceitava passivamente como ponto de partida de toda e qualquer colocação do problema gnosiológico. (LUKÁCS, 2010, p.13).

Lima (2014) explica que o fato de o núcleo intelectual de Lukács estar sob a influência de Simmel (1858-1918) e Kant (1724-1804) fez com que o filósofo húngaro buscasse somente o Marx “sociológico”. Mas, Lukács colocou em marcha um tortuoso caminho, pois a filosofia simmeliana atrelada aos escritos protestantes de Max Weber fizeram com que Lukács tivesse novamente contato com os elementos de Marx. Tais escritos, todavia, estavam tão “diluídos e empalidecidos que eram quase irreconhecíveis” (LUKÁCS, 2010).

De acordo com Lima (2014, p. 47), Lukács, seguindo o exemplo de seu professor¹³ Simmel, buscava sempre “separar todo elemento econômico de sua análise sociológica”. Lima (*Ibid*) acrescenta que seus escritos entre 1907 e 1911 – *História da*

¹¹ Cf., PAULO NETTO, 2011.

¹² Lukács formou-se em Economia em 1906 e em Filosofia em 1909.

¹³ “Lukács foi aluno de Simmel em Berlim, durante os anos 1909-10, assim como teve aulas em Heidelberg, no ano de 1913, com Windelband e Rickert, quando travou conhecimento com Emil Lask e Max Weber” (LUKÁCS, 2010, p. 13).

evolução do drama moderno, Metodologia da história literária – trazem em seu núcleo construções abstratas vinculadas a um subjetivismo místico.

Sobre isso, o próprio Lukács (2010, p.13) diz que

Era natural, com tal desenvolvimento da minha concepção de mundo, que as impressões que tivera da leitura de Marx, na minha juventude, fossem empalidecendo cada vez mais e acabassem por desempenhar um papel cada vez menor na minha atividade científica. Considerava, não menos do que anteriormente, Marx o economista e o “sociólogo” mais competente; mas a economia e a “sociologia” ocupavam neste período um papel insignificante nesta atividade. (LUKÁCS, 2010, p.13).

Lima (2014, p.48-49) assevera que nos ensaios reunidos sob o título de *A alma e as formas*, publicado em 1910, concentra-se uma importante transformação no pensamento lukacsiano, pois Lukács se aproxima da filosofia hegeliana, o que fez com que ele introduzisse “novos ingredientes na fermentação ideológica”. Ainda segundo a autora, o livro acima mencionado expressa a conclusão de sua fase ensaística e abriu um novo começo, conduzindo-o para uma crise filosófica.

De acordo com Paulo Netto (1983, p. 23), “[...] a realidade da guerra aprofunda o pessimismo de Lukács, mas a leitura de Hegel (ainda que viciada por preconceitos kierkegaardianos) instaura para ele uma perspectiva de futuro”, inaugurando uma viragem decisiva na constituição filosófica do pensador húngaro. Quando o pensamento lukacsiano sofreu essa viragem, Dostoiévski passou a ocupar um lugar decisivo. Para Paulo Netto (*loc. cit.*), “[...] o messianismo de Lukács começa a se dirigir, gradualmente, para as realidades terrenas [...]”. Acrescenta Paulo Netto (*Ibid.*) que esse é um processo lento que só avançou à medida que a guerra se desenrolou e suas consequências surgiram. Naquele período, o filósofo húngaro publicou *Teoria do Romance* (1916) que, segundo o próprio Lukács, representou a passagem do “[...] idealismo subjetivo ao idealismo objetivo [...]” (LUKÁCS, 2010, p.15), sob o qual Hegel passou a assumir uma influência cada vez maior em seu pensamento.

Lima (2014, p. 53) esclarece:

[...] Lukács destaca, entre os aspectos relevantes desta obra, o fato de que ela inauguraria a aplicação da filosofia hegeliana a problemas estáticos. Nessa composição, a filosofia assumia um papel bem mais acentuado, não era mais refém no interior da forma do ensaio literário. (LIMA,2014, p. 53).

Ainda de acordo com essa autora, foram os desdobramentos dos eventos históricos que jogaram um significativo papel no caminho de Lukács até Marx, marcando

uma viragem essencial que saíra de um lugar apertado para outro maior. Segundo Lukács (2009, p.24), “[...] a guerra e, em seguida, as revoluções russa e húngara determinaram um giro profundo na [sua] concepção de sociedade e na [sua] ideologia, fazendo [dele] um marxista”.

Como já assinalado, o desenvolvimento dos eventos históricos atrelados ao seu novo horizonte intelectual fez com que entrassem em conflito uma “epistemologia de direita” e uma “ética de esquerda”, fazendo com que Lukács passasse a debruçar-se sobre os textos marxianos (PAULO NETTO, 1983).

O filósofo húngaro nos chama a atenção para o fato de que

Os escritos filosóficos da juventude de Marx passaram a ser o ponto central de meu interesse, embora ainda estudasse com paixão a grande “Introdução” à *Crítica da economia política*. Desta vez, porém, não se tratava mais de um Marx visto da lente de Simmel, mas através da perspectiva hegeliana. Marx deixava de ser o ‘eminente especialista’, o ‘economista e sociólogo’; já começava a delinear-se para mim o grande pensador, o grande dialeto” (LUKÁCS, 2010, p. 14).

Todavia, Lima (*Ibid*) destaca que, mesmo havendo uma mudança significativa no pensamento de Lukács, este pensador não havia apreendido o real significado de materialismo, impedindo-o de alcançar a formulação correta dos problemas sob as lentes do materialismo histórico-dialético. Acerca dessa questão, Lukács (2010, p. 14) destaca: “[...] O máximo que cheguei a postular foi uma prioridade – hegeliana – do conteúdo sobre a forma e procurei, sobre base essencialmente hegeliana, sintetizar Hegel e Marx numa ‘filosofia da história’”.

Acerca do significativo papel que a revolução russa jogou sobre o desenvolvimento intelectual de Lukács, Lima (*Ibid*, p. 58) destaca que o filósofo húngaro observou que “não se trata[va] mais de uma revolução ética e moral, de viés puramente abstrato [...], mas de uma revolução verdadeira”. Outro aspecto oriundo da revolução foi o ingresso de Lukács, em dezembro de 1918, no Partido Comunista Húngaro (PC).

De acordo com Paulo Netto (1983), a entrada de Lukács no PC deu-se no mesmo momento em que a Hungria era atravessada por uma crise econômico-social pós-guerra. Essa crise fez com que o movimento de massas passasse a ter uma nova desenvoltura, havendo um crescimento acelerado do PC. Esse fato fez com que o governo húngaro, pressionado pelos ingleses por estarem temerosos com o desdobramento da situação, encarcerasse a liderança comunista em fevereiro de 1918 (PAULO NETTO, 1983, p. 30).

De acordo com este estudioso marxista, a crise se acelerou fazendo com que os comunistas ganhassem uma maior simpatia. De acordo com Paulo Netto (1983, p.32),

A repressão aos comunistas só serve para transformá-los em organização que ganha simpatia nacional, fazendo inclusive com que os social-democratas se aproximem deles. Recusando novas pressões externas, Karóly demite-se a 20 de março. No dia seguinte, uma coalizão de comunistas e social-democratas assume o governo e instaura a *Comuna húngara*, a República Proletária dos Conselhos, que teria a efêmera vida de 133 dias. (PAULO NETTO, 1983, p. 32).

Lukács teve um papel de relevo frente a esse processo. De acordo com Paulo Netto (1983, p.32), o filósofo húngaro “trabalhou na redação do *Jornal Vermelho*”, organizou e fundou o “Instituto de Pesquisas do Materialismo Histórico”, tendo também um papel de relevo na “função de comissário político da 5ª Divisão do [...] do Exército Vermelho”. Todavia, foi como Vice-Ministro da Educação Pública (Vice-Comissário do Povo) que sua atuação foi notória. Mesmo não sendo o efetivo da pasta, coube-lhe a responsabilidade de uma reforma estrutural do modelo educacional, com “a socialização da editora e a abertura dos museus e teatros aos trabalhadores”.

Sobre o trabalho em face do partido e do fracasso da revolução húngara, Lukács (2010, p.14) assinala que

O trabalho prático logo me obrigou a dedicar-me aos escritos econômicos de Marx, a um estudo mais profundo da história, da história econômica, da história do movimento operário etc., empenhando-me, assim, numa contínua revisão dos fundamentos filosóficos. Todavia, essa luta para dominar a dialética marxista prolongou-se por muito tempo. As experiências da revolução húngara mostraram-me claramente a fragilidade de todas as teorias sindicalistas (a função do partido na revolução), mas persistiu em mim, ao longo dos anos, um subjetivismo ultraesquerdista (por exemplo, minha posição nos debates em 1920, sobre a ação parlamentar e a minha atitude em relação ao movimento de março de 1921). Tudo isso me impedia de compreender, de modo correto e verdadeiro, o aspecto materialista da dialética no seu significado filosófico mais abrangente. (LUKÁCS, 2010, p.14).

Esses aspectos cristalizam-se no livro *História e Consciência de Classe* (1923) que carrega em si seus prestígios e suas polêmicas (LIMA, 2014). Sobre essa obra, Paulo Netto (1996, p.15 *apud* Lima, *Ibid.*, p.73) destaca:

Escrevendo sobre o terreno histórico-real da maré montante revolucionária do imediato primeiro pós-guerra, Lukács construía, com *História e Consciência de Classe*, um monumento da vontade subversiva, fáustica e criadora de um novo mundo – a sua obra tinha uma funcionalidade eversiva e disruptiva; desenvolvendo semelhante matriz teórica sem a perspectiva de uma revolução

proletária viável, o marxismo ocidental converteu temáticas e procedimentos críticos-metodológicos daquela obra em constatação (ora resignada, ora revoltada) da inviabilidade de uma revolução digna desta designação.

De acordo com Lukács (2010, p.14), há em *História e Consciência de Classe* uma tentativa de sobrepujar Hegel através de Marx, fazendo com que alguns problemas da dialética fossem explicados de modo idealista. Era por isso que, para Lukács, “[...] a teoria de Rosa de Luxemburgo sobre a acumulação do capital, à qual ainda [se] atinha, misturava-se de modo não orgânico com um ativismo subjetivista de ultraesquerda”.

Para Lukács (2003, p.13-14), HCC contém uma síntese de seu “desenvolvimento desde os últimos anos da guerra”, que mesmo em parte já “continha tendências de um estágio de transição para uma clareza maior”, mesmo não havendo uma efetiva manifestação. Aqui, Lima assegura que já é possível verificar o caráter de continuidade na descontinuidade, como já foi conferido em outros momentos da trajetória intelectual do filósofo húngaro. Segundo Lima (2014), na esteira do filósofo húngaro, alguns aspectos¹⁴ se destacam dentro do panorama geral fazendo com que surjam apontamentos para um “novo” caminho¹⁵.

Lima (2014, p. 88) assevera que esse amadurecimento deu-se de forma lenta, mas os acontecimentos históricos, mais uma vez, chamaram o filósofo para a concretude da realidade. Dentre esses acontecimentos, Lima destaca os seguintes: “a morte de Lênin, as disputas partidárias que se seguiram à morte do grande líder, a emergência da ideia do socialismo num só país e a [...] estabilização relativa”.

De acordo com Oldrini (2017, p.120), foi no biênio de 1926-27 que Lukács dedicara uma maior atenção aos textos de Lênin e ao “núcleo da economia marxista” atrelado a textos de Engels que tratam sobre a dialética. O filósofo italiano argumenta que se Lukács, em HCC, tinha caráter meramente “contemplativo do pensamento burguês” e do “pseudomarxismo da II Internacional”, com sua elevação espiritual, o filósofo magiar “parece perceber pelo menos três coisas”. Segundo Oldrini (2017, p.122-124), o filósofo húngaro percebe que (i) nem toda militância/ativismo, para utilizarmos um termo contemporâneo, tem em seu horizonte a garantia de colocar em marcha um processo revolucionário; (ii) a teoria revolucionária não pode passar “por atalhos”, ou seja, não pode ser representada por meras vulgarizações sociológicas, não podendo haver uma

¹⁴ “procuram mostrar as categorias dialéticas em sua objetividade e seu movimento ontológico efetivo e que, por isso, apontam na direção de uma ontologia autenticamente marxista do ser social” (LUKÁCS, 2003, p. 30).

¹⁵ “[...] a essa compreensão o filósofo só chegaria *post festum*” (LIMA, 2014, p. 88).

aproximação ao neokantismo ou até mesmo ao “materialismo burguês”; (iii) as condições materiais objetivas e subjetivas não faziam com que os proletários húngaros e da Europa, em geral, identificassem como classe para si, definida pelo filósofo como “o sujeito da práxis subvertida”. De acordo com o filósofo italiano, essa última característica pode ser identificada com a publicação de *Teses de Blum* em 1928.

A publicação de *Teses de Blum* é a representação mais contundente da evolução do pensamento lukacsiano, diz Oldrini (2014). Segundo o próprio Lukács (2003), a gênese que sustenta as teses é “o fio condutor” – para usar o termo lukacsiano – de sua atividade prática e teórica. Tempos depois, mesmo que Lukács tenha sido forçado a realizar uma autocrítica, levando-o, também, à expulsão do partido, esses aspectos não anulam o caráter seminal da transformação que estava por vir (PAULO NETTO, 1983). A partir dessa autocrítica, aconteceu uma mudança qualitativa, pois Lukács deixou de lado seu “messianismo utópico, idealista e revolucionário”, pois o filósofo húngaro deixara para buscar concretamente os fatores constitutivos e “os nexos objetivamente extraídos da história”, da dialética ou dos fatores constitutivos do complexo social” para fundamentar sua teoria e realizar a crítica da sociedade, sem cair no subjetivismo (OLDRINI, 2009 *apud* LIMA, 2014, p. 90).

Essa viragem ontológica de Lukács foi por ele descrita da seguinte forma:

Somente a íntima adesão ao movimento operário, devida a uma prática de muitos anos, e a possibilidade que tive de estudar as obras de Lênin e pouco a pouco compreender seu significado fundamental propiciaram o terceiro período de meu interesse por Marx. Somente agora, depois de quase uma década de trabalho prático e depois de mais de um decênio de esforço intelectual para compreender Marx, é que o caráter total e unitário da dialética materialista se tornou claro em termo concreto para mim. Mas justamente essa clareza trouxe também consigo o reconhecimento de que o verdadeiro estudo do marxismo só está começando agora e não pode mais parar (LUKÁCS, 2010, p.15; grifos no original).

De acordo com Oldrini (2014), a virada ontológica de Lukács pode ser verificada a partir de 1930, quando ele foi para Moscou e lá permaneceu até o ano seguinte. Esse período moscovita demarcou o caminho de filósofo húngaro a Marx. Durante esse período, Lukács estagiou no Instituto Marx-Engels-Lenin no qual ele pôde examinar os (inéditos, à época) *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) de Marx e os *Cadernos Filosóficos* de Lênin. Oldrini (*Ibid.*) afirma ainda que essa estada em Moscou foi importante, pois fez com que alterasse profundamente sua relação com o marxismo, transformando a perspectiva filosófica presente em *História e Consciência de Classe*.

Outro aspecto importante é a relação que o filósofo húngaro travou com Mikhail Lifschitz. Essa relação, de acordo com Paulo Netto (1983, p. 51), fizera perpetuar-se uma longínqua amizade. Segundo Paulo Netto (*op. cit.*), Mikhail Lifschitz estava analisando os textos de Marx e Engels que tratavam de questões estéticas. Lukács, então, partilhou da mesma preocupação. Cabe apenas expor sumariamente que, em meados de 1931, Lukács foi enviado a Berlim para assessorar a “intervenção cultural dos comunistas alemães na União dos Escritores Proletários”. Assim, a investigação lukacsiana em Moscou e em Berlim¹⁶ deve agora à teoria marxiana materialista da objetividade, da totalidade objetiva, estabelecida “por um retomo muito forte do interesse pela estética e pela teoria e crítica da literatura” (OLDRINI, *Ibid.*, p. 37).

Aprofundando mais a análise dessa questão sobre a viragem ontológica de Lukács e o seu interesse pela estética, o crítico italiano explica:

É característico do seu modo de trabalhar nessa fase que ele se aproxime devagar e cautelosamente das questões de fundo da estética - das suas bases fundamentais, do seu suporte ontológico – seguindo, pode-se dizer, o caminho que leva da periferia ao centro, da crítica superficial à teoria (OLDRINI, *Ibid.*, p. 38).

No que se refere à crítica da literatura, Lukács tentou elaborar uma concepção alternativa ao realismo socialista, pois a literatura da URSS, à época, estava sob a influência do realismo socialista, que, segundo Paulo Netto (1983, p. 58-59), era situada como forma “qualitativamente distinta” e superada do “realismo crítico (‘burguês’)”. Alguns ensaios literários tematizaram sobre essa questão do realismo, focando em alguns autores como “Hölderlin (1935), Balzac (1936), G. Büchner, Heine (1937), Tolstoi (1938), E. Ady, G. Keller (1939), W. Raabe (1940) e Goethe (1941)”.

De acordo com Oldrini (2014, p. 41), Goethe foi crucial para a virada de Lukács, pois, segundo o crítico italiano, o filósofo em estudo conseguiu verificar a superioridade goethiana em vários aspectos, considerado como grande realista, pois Lukács “está buscando uma alternativa teórica para o seu marxismo hegelianizado anterior e aponta para uma assimilação do materialismo que não signifique uma renúncia à dialética”.

¹⁶ “Com a vitória do fascismo na Alemanha (janeiro de 1933), Lukács – como a maior parte da intelectualidade alemã de esquerda – é obrigado a deixar o país. Regressou a Moscou, onde ficará até o final da Segunda Grande Guerra na condição de exilado, trabalhando como colaborador de instituições de pesquisa (como o Instituto Filosófico da Academia de Ciências da URSS) e na redação de periódicos culturais (*Literatura Internacional, Crítica Literária, A Palavra, A Nova Voz*)” (PAULO NETTO, 1983, p.54: grifos no original).

Afirma Oldrini (*Ibid*) que Goethe, em muitos sentidos, “ofereceu a Lukács o apoio que este último estava procurando”. Melhor ainda:

Goethe – explica Oldrini – pode “movimentar-se [...] de forma inteiramente livre na matéria, refletir o movimento, o automovimento da matéria, essencialmente e ao mesmo tempo de modo sensível, como automovimento”. Desse modo, Lukács encontra, em certo sentido, o modelo que o salva da garra idealista de Hegel e o religa, por meio de problemas concretos, à objetividade, ao estudo da manifestação imanente da dialética no real; de modo correlato, vê como as geniais intuições dialéticas de Hegel servem para influenciar, corrigir, integrar em muitos pontos a tendência apenas espontânea de Goethe em direção à dialética. De todo modo, aos dois é comum essa “ideia fundamental”: de “partir do trabalho humano com processo de autoprodução do homem” (OLDRINI, *op. cit.*, p.42).

O filósofo italiano assevera ainda que Lukács identifica que a constituição do ser social é atravessada pela consubstanciação dialética entre essência e fenômeno. Portanto, é notório que a produção teórica lukacsiana passará a buscar uma ontologia geral (ou ser social) com base filosófica no marxismo.

Oldrini aponta que *O Jovem Hegel* (1948) já mostra o avanço sobre os problemas filosóficos do marxismo partindo do ponto de vista ontológico, pois ao passo que um novo horizonte vai emergindo em Lukács, os temas por ele abordados vão ganhando um tratamento apropriado,

[...] por exemplo, aos da interação concreta entre mundo natural e mundo social, da socialidade e historicidade da natureza, da troca orgânica com a natureza por meio do trabalho, das repercussões do trabalho sobre o sujeito ativo etc., especialmente – sem falar do resto, pela importância – do nexos dialético, no trabalho, entre teleologia e causalidade, isto é, da valorização da categoria do fim “como uma categoria da práxis, da atividade humana [...]” (OLDRINI, *op. cit.*, p. 46).

É possível observar que os problemas que Lukács passa a analisar estão estritamente no centro da problemática ontológica (constituição do ser social, a atualidade da revolução). Portanto, de acordo com Oldrini (2014, p. 52), foi na virada de 1930 que Lukács passou a ocupar-se intensamente dos problemas da práxis humana geral, porém somente ao final de 1940 é que Lukács trouxe à baila o projeto de uma estética marxista¹⁷ passando em seguida à constituição de uma Ontologia marxiana. Segundo o filósofo italiano, existe um fio condutor entre “[...] *O jovem Hegel*, passando por *Existencialismo*

¹⁷ “O próprio Lukács [...] aponta a *Estética*, sem meias palavras, como a verdadeira e própria ‘preparação’ para a *Ontologia* (*eigentlich die Vorbereitung zur Ontologie*)” (OLDRINI, 2014, p. 52).

ou marxismo?, até *A destruição da razão*”, que se interligam, pois, com a virada ontológica de Lukács. Este filósofo húngaro constatou “os princípios, então descobertos em Marx, do fundamento de um sistema marxista, fundado numa concepção do marxismo como ontologia histórico-materialista”.

Assim, na esteira de Oldrini (2014), compreendemos que, na tentativa de buscar uma solução ontológica, Lukács identificara que a estética faz parte integral de uma ontologia geral do ser social. Portanto, para o filósofo húngaro o estético só emerge com o desenvolvimento concreto do ser social, ou seja, o processo estético só tem sua origem com o desenrolar da vida cotidiana, que se desenvolve através do trabalho como categoria fundante do ser social (OLDRINI, 2014, p. 55).

Dentro desse quadro geral, de acordo com o filósofo italiano, Lukács consegue apreender que “a autoconsciência da humanidade”, a articulação entre essência e fenômeno, em suma, os aspectos gerais das leis objetivas só se constituem através de uma categoria ontológica. Portanto, o “trabalho” ocupa um lugar central na ontologia lukacsiana, sendo tal complexo o modelo de toda práxis social. Assim, a ontologia lukacsiana difere-se das ontologias idealistas, pois

revela-se exatamente no fato de que aí está evidenciada a função de objetivação primária, mediadora entre ser e consciência, exercida pelo ato teleológico do trabalho, por meio do qual somente encontram também salvaguarda a prioridade ontológica do ser e a autonomia das esferas espirituais superiores (incluída a estética) (OLDRINI, 2014, p.54).

De acordo com Paulo Netto (1983), Lukács verifica que a natureza ontológica da obra de Marx foi empalidecida até mesmo desprezada por algumas filosofias irracionistas burguesas, a exemplo os neokantianos, neopositivistas etc. Portanto, a teoria marxista de Lukács, até seus últimos trabalhos, rema, fortemente, contra as tendências filosóficas contemporâneas em sua época e atualmente. O construto teórico desse pensador húngaro consubstancia que o homem, para tornar-se homem, faz parte ativamente de um processo histórico. Assim sendo, “cada homem – não importa com que grau de consciência – é um fator ativo no processo total, cujo produto ele é ao mesmo tempo: aproximação da generalidade na vida individual e real convergência de ambos os caminhos evolutivos reais inseparáveis [...]” (LUKÁCS, 2017, p. 214).

Assim, Lima (2014 p. 136), à luz dos estudiosos lukacsianos, afirma que dois aspectos são decisivos na nova Ontologia de Lukács: primeiro, mesmo que “fundamentada nos princípios extraídos do pensamento de Marx”, essa Ontologia não se

coloca como uma simples reprodução de enunciados, pois demonstra uma “substantiva” originalidade e uma relativa autonomia, representando ainda um salto em relação a outras ontologias, como, por exemplo, aquela proposta por Nicolai Hartmann.

Deste modo, Oldrini (2013, p.12, *apud* Lima, 2014, p. 137) diz que o avanço dessa obra se caracterizou “num longo período de trabalho, muito intenso e cansativo, que avança lentamente, em meio a dúvidas, reformulações e também discussões polêmicas com seus alunos mais próximos, os integrantes da chamada Escola de Budapeste”.

Segundo Lessa (2016), houve por parte de Lukács uma insatisfação com a primeira redação de *Para uma Ontologia do Ser Social*. Esse descontentamento estava atrelado à estrutura do texto¹⁸, pois Lukács não havia encontrado uma forma mais adequada para expressar o seu conteúdo. Por isso, o filósofo de Budapeste sentiu a necessidade de expor de forma mais concreta as suas proposições, dando origem ao texto *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível*.

Acerca do papel que esse texto cumpre, Lessa (2016) acrescenta que

[...] os *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* são escritos como prolegômenos a *Para uma ontologia do ser social*, não como uma revisão de seus aspectos essenciais. Não há, no texto posterior, qualquer mudança fundamental em relação à estrutura categorial do primeiro texto. O que encontramos nos *Prolegômenos* é um tratamento mais sistemático e abrangente da questão central a toda ontologia: a categoria da substância. Há uma nítida complementaridade entre as duas obras: os *Prolegômenos* se destinam a desenvolver uma teoria geral das categorias e dos nexos categoriais explorados na obra anterior. Ao fazê-lo, conferem maiores solidez e estabilidade teóricas às teses centrais de *Para uma ontologia do ser social*. Lessa (2016, p.19, *grifos* no original).

Por essa razão, o texto não se trata de uma revisão de *Para a Ontologia do Ser Social* ou tampouco de uma nova ontologia. Esse “[...] texto visa expor de forma mais clara e sintética as linhas mestras de seu edifício ontológico” (LIMA, 2014, p. 139). Há em Lukács, de acordo com Lessa (2016), uma ruptura com os traços idealistas juvenis, sendo expressas nas suas obras de maturidade. Nessas obras, segundo Lessa (2016, p. 26), podemos encontrar como fundamento final “uma concepção de história do ser em geral”

¹⁸ “Sabemos que a Ontologia de Lukács divide-se em duas partes: a primeira, de caráter histórico, examina o estado atual do problema, dedicando-se à análise do neopositivismo e do existencialismo, do pensamento ontológico de Nicolai Hartmann, de Hegel e de Marx; já a segunda parte, de caráter sistemático, trata dos complexos problemáticos mais importantes – o trabalho, a reprodução, o ideal e a ideologia e a alienação” (SCARPONI, 1976, p. XIV *apud* Lima, 2014, p. 138).

e uma “concepção do mundo dos homens enquanto resultado exclusivo das ações humanas”. Portanto, é nessa fase de Lukács que encontramos o nódulo mais significativo para compreendermos a distinção qualitativa entre o ser social e a natureza, distinção promovida pelo trabalho como atividade exclusivamente humana, uma atividade que já possuía um caráter social mesmo nos primórdios do gênero humano, quando este dava seus primeiros passos em direção à sua humanidade.

Portanto, a obra lukacsiana deve ser compreendida como a pedra angular para combater o irracionalismo burguês. Lukács constatou que, após a morte de Hegel, o pensamento burguês, “começando com Schelling, passando, então, por Nietzsche e Max Weber” (KÖHLER, 2018, p. 42), está sob a égide de um pensamento irracionalista, ou seja, ele constata primeiro que este pensamento serviu, e serve, como uma importante arma para camuflar os problemas reais; em seguida, que o irracionalismo já se fazia presente nos pensadores liberais do seu tempo. Isso fez com que o fascismo fosse construído a partir do irracionalismo liberal, aponta Köhler (2018). Lukács concebia o irracionalismo como uma arma contra a luta de classes.

Asseveramos, portanto, que Lukács está morto para os seus críticos, não para nós. Como o marxismo é a teoria revolucionária por excelência, seu legado, por ter resgatado o autêntico marxismo, constitui as lentes das quais precisávamos para separar “o joio do trigo”, ou seja, para que nos imbuíssemos de uma fundamental ferramenta teórica para separar o marxismo não apenas das tendências filosóficas idealistas, positivistas e neopositivistas, mas, também, das fraquezas teóricas reformistas e revisionistas, representadas por Kautsky e Bernstein na Segunda Internacional e, ainda, as stalinistas, confundidas com o verdadeiro marxismo.

Referências

JAESCHKE, Walter. **As ciências naturais e as ciências do espírito na era da globalização**. VERITAS, Porto Alegre v. 51 n. 1 Março 2006 p. 121-132

KÖHLER, Matthias István. O marxismo na Europa após o fim da hegemonia neoliberal. **Anuário Lukács**. 2018, Maceió: Instituto Lukács.

LAAN, van der Murillo. Ainda sobre o Arquivo Lukács, para não esquecer. *In: Ainda sobre o Arquivo Lukács, para não esquecer et al.* Blog esquerda diário. Redação, 6 de fevereiro, 2018. Disponível em: <http://esquerdadiario.com.br/Fragmentacao-do-arquivo-Lukacs-em-Budapeste-ja-esta-em-andamento-relata-pesquisador>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens**: trabalho na ontologia de Lukács. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LIMA, Marteano Ferreira de. **A alienação em Lukács**: fundamentos para o entendimento do complexo da educação. 2014. 190 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8601/1/2014_tese_mflima.pdf. Acesso em: 12 de set. 2020.

LUKÁCS, Georg. **Arte e sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento; revisão de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Georg. **Meu caminho para Marx**. n. 12, Ano VI, out./2010 – Publicação semestral – ISSN 1981-061X.

LUKÁCS, Georg. **Pensamento Vivido**: autobiografia em diálogo. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

MÉSZÁROS, István. O conceito de dialética em Lukács. Apresentação e revisão técnica de José Paulo Netto; tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Tempos de Lukács e Nossos Tempos**: socialismo e liberdade (Entrevista). Verinotio, n.10, Ano V, out./2009 – Publicação semestral – ISSN 1981-061X.

OLDRINI, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: GILMAISA, Costa; ALCÂNTARA, Norma. **Anuário Lukács**. 2014, Maceió: Instituto Lukács.

OLDRINI, Guido. **György Lukács e os problemas do marxismo no século XX**. Tradução de Mariana Andrade. Maceió. Coletivo Veredas, 2017.

PAULO NETTO, José. **Lukács**: um guerreiro sem repouso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (org.) **Lukács e atualidade do marxismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács**: etapas de seu pensamento estético. Tradução de Renira Lisboa de Moura Lima. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VAISMAN, Ester. **O “jovem” Lukács**: trágico, utópico e romântico?. Verinotio n. 16, Ano VIII, out./2013 – Publicação semestral – ISSN 1981-061X.